



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
FILOSOFIA**

ROSANE AIMI

O IDEAL DE EUDAIMONIA DE ARISTÓTELES

**ERECHIM
2023**

ROSANE AIMI

O IDEAL DE EUDAIMONIA DE ARISTÓTELES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de conclusão de Curso II

Orientador: Prof. Dr. Alcione Roberto Roani.

ERECHIM

2023

FICHA

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Aimi, Rosane
O IDEAL DE EUDAIMONIA DE ARISTÓTELES / Rosane Aimi.
-- 2023.
50 f.

Orientador: Doutor Alcione Roberto Roani

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Filosofia, Erechim,RS, 2023.

I. Roani, Alcione Roberto, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

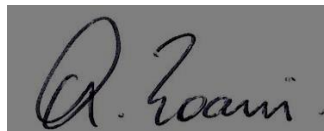
O IDEAL DE EUDAIMONIA DE ARISTÓTELES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de conclusão de Curso II

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

12/06/2023

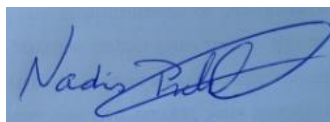
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Alcione Roberto Roani



Prof. Dr. Eloi Pedro Fabian



Prof. Dr. Nadir Antônio Pichler

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais: Armando Aimi e Lenir Lusa Aimi e aos meus filhos amados, Diana Lúcia, Sintia Sabrina, Maríndia, Guilherme Venícios e Iasmin.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu a capacidade de entendimento para finalizar mais essa etapa da minha vida, por ter me concedido saúde e forças para não desistir, mesmo quando apareciam situações adversas. Agradeço a Deus por todos os benefícios dispensados ao meu favor, porque ele permitiu a passagem de pessoas de bom coração na minha vida.

E nessa etapa tão importante que se conclui agora, paro e penso no caminho percorrido e percebo que muitos fizeram parte da minha história e esta é uma boa oportunidade para agradecer. Agradeço aos meus familiares, grandes incentivadores desta etapa de minha vida. Meu muito obrigada aos meus pais, Armando e Lenir. Aos meus filhos queridos sempre me apoiando Diana Lúcia, Sintia Sabrina, Maríndia, Guilherme Venícios e Iasmin, netas Maria Gabriela e Lucy, também, aos meus irmãos Sueli, Airton, Clairto, Eliane. Agradeço também, profundamente e de todo o meu coração, ao meu anjo da guarda, Sueli Aimi (*in memoriam*), que com certeza iluminou os caminhos por mim percorridos, sobretudo no dia da defesa deste trabalho.

Agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim, pela oportunidade de fazer o curso. Aos professores, secretárias e coordenação do departamento de filosofia pela diligência no cumprimento de suas tarefas, mesmo sem nominar terão os meus eternos agradecimentos. Em especial ao professor Prof. Alcione Roberto Roani pela orientação, apoio e confiança, aos membros da Banca, Eloi Pedro Fabian e Nadir Antônio Pichler, e a todos os outros mestres que foram meus companheiros de jornada. Muito obrigada.

EPÍGRAFE

“Os rios não bebem de sua própria água; as árvores não comem seus próprios frutos. O sol não brilha para si mesmo; e as flores não espalham sua fragrância para si. Viver para os outros é uma regra da natureza (...)

A vida é boa quando você está feliz; mas é muito melhor quando os outros estão felizes por sua causa”.

Papa Francisco.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o ideal da Eudaimonia em Aristóteles apresentado na obra “Ética a Nicômaco”. O problema de pesquisa embasou-se na seguinte pergunta norteadora: de que forma o homem poderá constituir sua jornada de vida buscando a concretização da Eudaimonia Aristotélica? A hipótese que se desejou elucidar ou refutar através da elaboração deste trabalho estabeleceu-se da seguinte maneira: é possível ao homem contemporâneo obter a Eudaimonia seguindo às proposições filosóficas estabelecidas por Aristóteles. O procedimento metodológico que conduziu o desenvolvimento deste trabalho foi a pesquisa teórica, constituída através de uma revisão bibliográfica. Os resultados obtidos através da sua consolidação demonstram que trilhar os caminhos propostos pelo pensador Aristóteles para obtenção da Eudaimonia não é uma tarefa simples, tamanhas são as exigências para a vida do homem que deseja obter a verdadeira Eudaimonia. O filósofo considera o ideal de Eudaimonia como uma felicidade completa, ou um bem duradouro, que somente poderá ser alcançado por meio de uma vida virtuosa, conforme a razão, através da contemplação profunda, pela força do hábito e da disciplina virtuosa, com o cultivo das excelências do caráter humano. Mesmo sendo proveniente de uma vida exigente e disciplinada, acredita-se que a hipótese levantada é uma premissa verdadeira, sendo a obtenção da Eudaimonia possível para qualquer ser humano que deseje viver através das diretrizes éticas estabelecidas por Aristóteles em sua obra, basta que esse indivíduo desenvolva às múltiplas excelências e que disponha de condições de dedicar sua existência à vida contemplativa.

Palavras-chave: Felicidade. Eudaimonia. Virtude. Excelência.

ABSTRACT

The present paper aims to analyze the ideal of Eudaimonia in Aristotle presented in the work "Nicomachean Ethics". The research problem was based on the following guiding question: how can man constitute his life journey seeking the achievement of Aristotelian Eudaimonia? The hypothesis that wanted to elucidate or refute through the elaboration of this work was established as it follows: it is possible for contemporary man to obtain Eudaimonia following the philosophical propositions established by Aristotle. The methodological procedure that led the development of this paper was the theoretical research, constituted through a bibliographic review. The results obtained through its consolidation demonstrate that following the paths proposed by the thinker Aristotle to obtain Eudaimonia is not a simple task, such are the demands for the life of the man who wants to obtain the true Eudaimonia. The philosopher considers the ideal of Eudaimonia as a complete happiness, or a lasting good, which can only be achieved through a virtuous life, according to reason, through deep contemplation, through the force of habit and virtuous discipline, with the cultivation of the excellences of human character. Even coming from a demanding way of life, it is believed that the hypothesis raised is a true premise, with the attainment of Eudaimonia being possible for any human who wishes to live according to the ethical guidelines established by Aristotle in his peace, it is enough that this individual develops to multiple excellences and have the conditions to dedicate their existence to the contemplative life.

Keywords: Happiness. Eudaimonia. Virtue. Excellence.

LISTA DE TERMOS

<i>Ágape</i>	-	Amor
Agathón	-	Bem
<i>Areté</i>	-	Excelência
<i>Aretai ethikai</i>	-	Excelência moral
<i>Aretai dianoetikaí</i>	-	Excelência intelectual
<i>Akrotaton</i>	-	O fim mais elevado
<i>Autarkes</i>	-	Autossuficiente
<i>Bion</i>	-	Vida
<i>Bios praktikós</i>	-	Forma plena e completa
<i>Dýnamis</i>	-	Faculdades
<i>Égon</i>	-	Pastor, lutador ou atleta
<i>Encômio</i>	-	Elogio
<i>Enérgeia</i>	-	Atividade
<i>Epistéme</i>	-	Conhecimento
<i>Eu Prattein</i>	-	O Bem
Eudaimonia	-	Felicidade
<i>Éthos</i>	-	Hábito
Phronêsis	-	Prudência
<i>Hexis</i>	-	Hábito
<i>Kalon</i>	-	O bom e o belo.
<i>Métodos</i>	-	Investigação
<i>Nous</i>	-	Intelecto
<i>Olbias</i>	-	Boa vida como estado religioso
<i>Pathos</i> ou <i>pathe</i>	-	Paixões
<i>Phainómenon agathón</i>	-	Bem aparente
<i>Philia</i>	-	Amizade
Phrónimos	-	Prudente
Pólis	-	Estado
<i>Politique</i>	-	Política
<i>Praktiké</i>	-	Prática
<i>Proaireseis</i>	-	Escolha
<i>Téchne</i>	-	Arte
<i>Teleion</i>	-	Completa
<i>Téleion</i>	-	Perfeita
<i>Télos</i>	-	Fim
<i>Theoria tis</i>	-	Contemplação
<i>Tò lógon</i>	-	Elemento racional do homem

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O IDEAL DE EUDAIMONIA	15
2.1	DA EUDAIMONIA À FELICIDADE COMO UM BEM SUPREMO	17
2.2	A BUSCA PELA EUDAIMONIA.....	18
2.3	A CONCRETIZAÇÃO DA EUDAIMONIA.....	20
3	AS FORMAS DE EXCELÊNCIA RUMO À FELICIDADE E SUAS VIRTUDES. 24	
3.1	EXCELÊNCIA DO CARÁTER: ÉTICA.....	27
3.2	EXCELÊNCIA DO PENSAMENTO: DIANOÉTICA	31
4	O IDEAL DE EUDAIMONIA CONCRETIZADO NA ESFERA DA PÓLIS	36
4.1	O HOMEM JUSTO E A EUDAIMONIA.....	36
4.2	A AMIZADE E A EUDAIMONIA	40
4.3	A VIDA CONTEMPLATIVA: REFLEXÕES SOBRE A FELICIDADE	44
5	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

A vida no mundo atual leva as pessoas a conviverem com um redemoinho de informações, ideias, inovações tecnológicas, além de preocupações de todo tipo. Ao mesmo tempo em que ocorre essa evolução constante, a sociedade atual não oferece as condições necessárias para que o indivíduo olhe para si e reflita a respeito de sua existência. Assim, atingir o ideário de felicidade pode ser um percurso tortuoso para muitos.

Segundo a perspectiva Aristotélica, o ser humano possui um fim primordial para sua existência, uma missão a cumprir em sua trajetória. Independente do grau de consciência que exista em cada ação realizada pelos seres humanos, busca-se por esta forma plena e completa de existir: ser feliz. É da natureza humana, portanto, evitar e afastar-se das condições de vida que proporcionem infelicidade, assim como o movimento de ir ao encaço do que torna o homem verdadeiramente feliz (ESTORIL, 2004, p. 17, *Apud*: ARISTÓTELES, 2017).

À esta finalidade – bem supremo que conduz a existência humana, e que é entendida como a ciência da ética – Aristóteles dá o nome de Eudaimonia. Compreendendo a relevância deste conceito para a Filosofia, constitui-se o presente trabalho o qual tem por objetivo compreender o ideal da Eudaimonia em Aristóteles, com o desenvolvimento embasado nas reflexões que compõe a obra “Ética a Nicômaco”. As referências utilizadas neste trabalho tomam como base a edição traduzida por Antônio de Castro Caeiro (2017)¹, além de outros comentadores.

Assim, este trabalho se propõe a explicar o problema sobre a busca pela Eudaimonia, explorando os conceitos e a perspectiva Aristotélica. O presente tema é situado no período clássico da filosofia e foi abordado por Aristóteles em sua obra supracitada. Nesta obra, o pensador analisa a concepção do homem, que vai além de sua existência animal, uma vez que o sujeito é um universo complexo, dotado de razão e reflexão, conduta que se distingue do ímpeto instintivo animalesco. Porém, na ótica Aristotélica, o homem é conduzido por mais do que a pura razão, e é neste contexto que surge a noção da virtude e das excelências como um meio termo, como o equilíbrio perfeito que direciona o indivíduo para à felicidade suprema (VALLANDRO, BORNHEIM, 1984 p.2).

Para sua construção, utilizou-se o método de pesquisa bibliográfica, que

¹ Caeiro, nascido em Lisboa em 1966, é professor universitário, ensaísta e tradutor, além de ser doutor em Filosofia.

consiste na revisão da literatura relacionada sobre temática abordada: o Ideal de Eudaimonia de Aristóteles. Através desta pesquisa bibliográfica foi possível obter meios para auxiliar tanto na interpretação quanto no esclarecimento dos problemas filosóficos Aristotélicos apresentados na obra, no que tange aos diversos caminhos para obtenção da Eudaimonia.

Assim, a questão norteadora deste trabalho se estabelece da seguinte forma: de que forma o homem poderá constituir sua jornada de vida buscando a concretização da Eudaimonia Aristotélica? Seu desenvolvimento contribui para o âmbito da filosofia clássica, buscando estimular novos olhares sobre a teoria da felicidade como um bem supremo da existência humana. A hipótese que se desejou elucidar, comprovar ou refutar através da elaboração deste trabalho estabeleceu-se da seguinte maneira: é possível ao homem contemporâneo obter a Eudaimonia seguindo às proposições filosóficas estabelecidas por Aristóteles.

O primeiro capítulo deste trabalho analisa o Livro I da obra central que conduz o seu desenvolvimento, e é intitulado como: O ideal da Eudaimonia. Seu subitem 2.1 analisa a ideia da Eudaimonia como um bem supremo; em seguida o subitem 2.2 analisa sua os caminhos para a obtenção da Eudaimonia e, finalmente, o subitem 2.3 apresenta ideias Aristotélicas sobre a concretização deste ideal na vida do homem. Este primeiro capítulo realiza uma análise sobre o conceito da Eudaimonia, lançando olhares iniciais sobre os caminhos que conduzem o homem para a consolidação da felicidade, entendida por Aristóteles como um bem supremo.

O segundo capítulo debruça-se sobre os Livros II e III da obra de Aristóteles e é intitulado como: As formas de Excelência rumo à felicidade e as suas virtudes. Seus dois subitens abordam respectivamente: a excelência do caráter – Ética e a excelência do pensamento – Dianoética. Este capítulo visa identificar as diferenças entre os diferentes tipos de éticas que constroem o caráter do homem e que também causam um impacto positivo em sua capacidade reflexiva e intelectual.

O terceiro capítulo do trabalho se direciona a compreensão do ideal de Eudaimonia, concretizado na esfera da Pólis, através da tese da complementaridade entre a justiça e os laços sociais, através da visão de Aristóteles. O subitem 4.1 aborda os aspectos que consolidam o caráter do homem justo. O subitem 4.2 apresenta uma análise sobre a amizade, e o impacto da convivência e da coletividade entre os homens que buscam pela Eudaimonia. O subitem 4.3 procura consolidar as premissas investigadas durante o trabalho e elencadas a partir da finalização da leitura e análise da obra “Ética a Nicômaco”. Suas considerações se direcionam para o formato de vida

derradeiro, cuja percepção do filósofo reconhece como o que há de mais próximo do divino: a vida contemplativa.

Finalmente, apresentam-se as conclusões decorrentes da construção desta análise, bem como da leitura crítica da obra. Nelas são elencados os resultados obtidos a partir da presente pesquisa, bem como algumas reflexões pessoais da autora sobre a temática desenvolvida durante esta árdua jornada pelos caminhos Aristotélicos rumo a Eudaimonia.

2. O IDEAL DE EUDAIMONIA

Este primeiro capítulo deseja elucidar a relação da felicidade com o ideal de Eudaimonia, através da perspectiva Aristotélica. Para isto, é necessário conceituar e compreender do que se trata o ideal da Eudaimonia em um primeiro plano, ainda que haja uma pluralidade de pensamentos e reflexões neste âmbito filosófico. Para isto, utiliza-se como base a obra *Ética em Nicômaco*, traduzida por Caeiro (2017).

De acordo com Romero (2015, p.13) a obra, sobre a qual debruça-se o presente trabalho, é uma obra fundamental para todos aqueles que se interessam pelas nuances presentes na filosofia moral da humanidade. Segundo a autora a concepção da Eudaimonia Aristotélica torna-se fundamental nos estudos sobre a ética, pois concebe a mais importante a reflexão da antiguidade, a saber: o bem viver.

Zingano (2017, p.9) concorda, explicando que a noção da Eudaimonia é tema central para a ética de Aristóteles, uma vez que toda a sua profunda reflexão gira em torno de compreender de que forma o agir ético é capaz de atingir essa condição. A Eudaimonia deve ser compreendida, portanto, como uma atividade e não em um estado de espírito apenas, isto porque Aristóteles a define como uma atividade da alma virtuosa, com base em vivência moral. Assim o interior se externaliza a partir das atitudes e do modo de viver do homem (ZINGANO, 2017, p. 9-10).

O termo Eudaimonia significa “o estado de contentamento estável”, o que se traduz, de forma simplificada, como Felicidade, uma atividade da alma humana (AGUIAR, 2017, p.3). A questão da Eudaimonia – ou a felicidade – para a filosofia é demasiadamente relevante, pois esta plenitude seria a finalidade última da ética no pensamento clássico. Este propósito, na perspectiva filosófica, é o objetivo final de todas as ações humanas, mas que de fato podem ser prejudiciais aos indivíduos e, até mesmo, aos outros (VALLANDRO, BORNHEIM, 1984, p.17).

Para o filósofo, a Eudaimonia, é vista como uma busca efêmera para alguns indivíduos, uma vez que a felicidade não é uma constante na vida humana, mas antes disso dependente das adversidades enfrentadas, que hora pode conduzir ao contentamento, e hora pode levar à desgraça. A Eudaimonia, portanto, depende de um esforço extenso e de uma vida construída a partir da obtenção de inúmeras excelências, éticas e dianoéticas (VALLANDRO, BORNHEIM, 1984, p.17).

Catunda (2008, p.130) complementa, explicando que o ideal de Eudaimonia consiste em uma excelência da alma (*arete psykhes*), uma vez que o bem do homem é visto como uma atividade que se estabelece na alma e se estabelece em

consonância com a virtude. O autor complementa que para entender claramente a Eudaimonia em Aristóteles, bem como sua síntese principal, é necessário esmiuçar sua trajetória e as excelências humanas que compõem este caminho.

No entanto, explica Zingano (2017, p.10), a conceituação do ideal de Eudaimonia permanece controverso, pois abre precedente para compreensões ambíguas. Segundo o autor, o texto de Aristóteles parece oscilar entre a ideia de que a Eudaimonia “operaria como uma noção de segunda ordem, caracterizando o modo harmônico e ordenado de agir segundo as mais diversas virtudes morais”, em outros momentos da obra o filósofo parece se inclinar para uma percepção na qual a Eudaimonia não seria “a atividade harmônica de todas as virtudes, mas a atividade segundo uma só dentre elas, a virtude intelectual da contemplação, vista assim como um bem supremo dominante ou monolítico”.

Assim, Zingano (2017, p.10) estabelece que as perspectivas Aristotélicas não devem ser desprendidas, mas que antes disso devem ser complementares para constituir o ideal de Eudaimonia. Para o autor, trata-se de duas etapas conectadas entre si, que embora sejam distintas, precisam ser pensadas de forma conjunta. Isto é, a racionalidade deve fazer parte do contexto do ideal da Eudaimonia, ao passo que a vida contemplativa também deve buscar ao que o Aristóteles chama de felicidade primeira.

Chih (p.6, 2009) também concorda que para se filosofar junto com Aristóteles é necessário que se compreenda e se aceitem certas premissas estabelecidas dentro do ideal de Eudaimonia. Porém, lembra Chih (2009, p.6), o próprio Aristóteles delinea esboços gerais, verdades aproximadas e não exatas, assim, é importante também, que este trabalho seja conduzido de modo livre, sem inferir julgamentos, ou como diz o autor: sem conclusões éticas universais, absolutas e aplicáveis à todas as circunstâncias. Assim, de forma fluída, fica estabelecido que o ideal de Eudaimonia seja seu fim único, maior e intrínseco – ainda que muitas vezes inconsciente –: a concretização da felicidade.

Já no primeiro livro que compõe a obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles se debruça sobre teoria de que a Felicidade é um bem supremo para a vida humana. Desta forma, toda a ação humana, todo procedimento prático e toda a decisão são conduzidos para este mesmo fim. “A felicidade é uma certa atividade da alma de acordo com uma excelência completa” (ARISTÓTELES, 2017, p.15). Cabe destacar que no decorrer do trabalho são abordadas as esferas na alma, no que tange ao intelecto e ao caráter, a excelência completa mencionada por Aristóteles neste trecho,

também é esmiuçada nos capítulos a seguir, através da análise das virtudes e da delimitação das múltiplas interpretações do bem.

Assim, para iniciar este trabalho é necessário entender, o ideal de Eudaimonia Aristotélica. Este ideal representaria uma felicidade nobre, cuja obtenção é profunda e pode ser desfrutada apenas pelos homens justos e virtuosos. O ideal de Eudaimonia se concretiza a partir de uma vida plena, através da busca constante pela virtude e pela excelência em todas as esferas da vida do indivíduo. Mas como concretizar a felicidade dentro do ideal de Eudaimonia? Primeiramente é necessário desbravar os caminhos trilhados por Aristóteles, na condução desta busca.

2.1 DA EUDAIMONIA À FELICIDADE COMO UM BEM SUPREMO

Aristóteles inicia sua obra *Ética a Nicômaco* afirmando que toda ação é um projeto previamente considerado conscientemente, e sempre visa algum benefício. Este assunto é amplo e muito visado para discussões, pois o bem como objeto pode ser considerado um bem real, assim como um bem aparente. Além de conduzir todas as suas ações em busca da felicidade, o homem também anseia pelo bem, afirma Aristóteles. No entanto, o pensador crê haver uma diferença entre os fins²: há homens que utilizam o que ele chama de atividades puras; outros homens utilizam o que ele entende como produtos do trabalho (ARISTÓTELES, 2017, p.17).

Para Aristóteles as atividades puras são àquelas cujas ações resultam em produtos do seu trabalho, portanto, as atividades seriam mais simples que seu resultado. As atividades são os caminhos, as trajetórias, que conduzem os homens a busca de seus fins, e o fim maior para todos, o fim considerado pelo pensador como o fim supremo, é a felicidade (ARISTÓTELES, 2017, p.18).

Neste trecho da obra, Aristóteles exemplifica a teorização das atividades e do produto como o bem supremo. Ele esmiúça que o ser humano, como um arqueiro, encontraria mais facilmente seu objetivo maior se tivesse um alvo norteador para seguir. Assim, procura delimitar e caracterizar os traços essenciais que conduzem a vida humana para obtenção do supremo bem (ARISTÓTELES, 2017. p.18).

² Segundo a tradução de Caeiro (2017, p.233), fim não significa o que é em último lugar. Significa completude, acabamento, cumprimento. A completude pode ser alcançada antes do termo fatural da vida.

Aristóteles entende que de todas as ciências que estendem seus arcabouços teóricos para a perspectiva da felicidade, a ciência política seria a mais autêntica e a que poderia melhor projetar os princípios fundamentais para esta busca na existência humana. Isto se dá porque a própria ciência política é responsável por determinar quais outras ciências são necessárias dentro de um Estado e quais deverão ser disponibilizadas para cada classe de cidadãos ali presentes (ARISTÓTELES, 2017, p.19).

A ciência política também ampara em sua estrutura: a estratégia, a economia, a retórica e a legislação. A legislação – parte da ciência política – define o que sociedade deverá fazer e quais comportamentos deverá evitar, ou seja, ela molda a vida do ser humano de modo a afastá-lo da individualidade. Assim, a ciência política e suas alçadas caminham de modo a conduzir o povo para o que Aristóteles entende como o bem coletivo, o qual seria superior ao bem individual e, portanto, o que há de mais próximo de um bem divino (ARISTÓTELES, 2017, p.19).

Já na ciência da ética, Aristóteles elabora que o bem supremo e final da vida humana será a Eudaimonia, um bem autossuficiente e perfeito. Neste primeiro livro da obra surge o conceito da Eudaimonia e se estabelecem os meios possíveis para se obtê-la de forma plena (CATUNDA, 2008, p.129).

2.2 A BUSCA PELA EUDAIMONIA

No capítulo IV do Livro I, Aristóteles vai ao encontro da questão da Felicidade como uma perspectiva subjetiva. Aqui o pensador reflete sobre as diferenças deste conceito para diferentes tipos de homens. Segundo ele, tanto a maioria mais simples, como os homens mais sofisticados compreendem a felicidade como o bem mais pleno da vida, supondo eles que a tal felicidade se relaciona com o bem viver, passar bem (ARISTÓTELES, 2017, p.20).

Assim, para um homem doente a felicidade seria a saúde; para um homem pobre, seriam as riquezas e as posses; para outros a felicidade seriam os prazeres e os deleites; para outros ainda, seria a honra. Aristóteles afirma que são estes aspectos que separam os homens sofisticados dos vulgares e, também, conduzem a sua forma de viver de forma distinta (ARISTÓTELES, 2017, p.20).

Os homens são norteados para o bem e a felicidade por suas formas de viver a vida. Para Aristóteles, concebe-se que haja três formas de se viver a vida: a vida

mundana, dedicada aos prazeres instantâneos; a vida dedicada à ação política e a busca pela honra; e, finalmente, a vida dedicada à atividade contemplativa (ARISTÓTELES, 2017, p.21).

Zingano (2017, p.13) chama o primeiro modo de vida mencionado por Aristóteles como “Vida Apoláustica”. Para Aristóteles, os homens que conduzem sua vida no caminho da apoláustico, são a maioria, e estes escolhem viver como gado, uma vida de animais a pastarem. Segundo o pensador, à vida voluptuosa escraviza o ser humano, uma vez que o limita ao que é fugaz e instantâneo, aos prazeres imediatos, as ações que visam um bem momentâneo apenas. E ainda destaca que muitos homens, cujo poder está diante de suas mãos, acabam por desfrutarem da vida apoláustica, cujo exemplo encontra-se em Sardanapalo³ (ARISTÓTELES, 2017, p.21).

Os homens sofisticados, segundo Aristóteles, buscam o caminho do que supõem como o caminho da “honra”. Segundo o pensador “a honra quase é o fim último da vida dedicada à ação política (ARISTÓTELES, 2017, p.21), porém é um fim bem mais superficial do que se almeja com a Eudaimonia.

Para Aristóteles, muitos homens perseguem a honra para se convencerem que são homens bons. Já os homens sensatos perseguem a honra na busca pela excelência, o que o filósofo considera como o que há de mais genuíno. “A excelência é mais poderosa que a honra” e, desta forma, é considerada por Aristóteles como o objetivo final da vida política (ARISTÓTELES, 2017, p.21). O terceiro tipo de vida na visão Aristotélica é aquele dedicado à contemplação pura – cuja análise se aprofunda no decorrer da construção da obra.

Zingano (2017, p.14) menciona que, ao abordar os três estilos de vida do homem, Aristóteles dedica-se a desmerecer a vida conduzida em prol da riqueza. Segundo Zingano (2017, p.14), o filósofo poderia elencar esta como uma quarta forma de vida, no entanto, Aristóteles prefere desqualificá-la, uma vez que “a riqueza não é um fim em si, mas somente um meio em vista de outras coisas”. Aristóteles considera que apenas os supracitados são os caminhos de vida originais, pois são conduzidos por si mesmo, enquanto a vida rumo à riqueza se move em prol da acumulação simplesmente (ARISTÓTELES, 2017, p.21).

³ Na obra *Ética para Nicômaco*, Aristóteles apenas exemplifica o nome do Rei Sardanapalo. Caeiro (2017, p. 234) explica que se trata de um líder assírico e mítico, cujos epitáfios registrados demonstram sua predileção pela vida mundana ou pela vida dos prazeres: “Come, bebe, brinca, porque todo o resto não vale o estalar de dedos”; “Eu tenho aquilo que comi, e as delícias de amor com que exultei e sofri”. Registro de Ateneu (335, 530).

De acordo com Zingano (2017, p.14), a escolha de Aristóteles por delimitar apenas três modos de vida, não é acaso empírico. Ao contrário disso, ele relaciona os modos de vida com as três últimas finalidades: o prazer, a virtude e o conhecimento. Segundo Zingano (2017), apesar de distintos, os três fins são indissociáveis, uma vez que tudo que é feito, é feito com vistas à virtude (a honra); ao conhecimento e ao prazer; qualquer outro fim acaba por ser diluído dentro destes três âmbitos de finalidade para a vida humana.

2.3 A CONCRETIZAÇÃO DA EUDAIMONIA

Para a concretização do bem universal, Aristóteles propõe que se inicie pelo exame minucioso deste “bem” (ARISTÓTELES, 2017, p.22), cuja concepção o filósofo considera como densa e penosa. Aristóteles explica que muitos já tentaram explicar e esmiuçar o conceito do bem universal, mais que os antecessores não procuraram entender este conceito onde se enunciasse o antes, o depois e razão pela qual não puderam construir uma ideia geral de números sobre isto. Para Aristóteles:

O bem diz-se na categoria da substância [no que é que é], da qualidade [como é que é] e da relação [relativamente a que é que é]: o bem em si, contudo, e a substância são anteriores, pela própria natureza intrínseca, ao bem relativo (esta assemelha-se, na verdade, a um rebento ou a um acidente do ente). Deste modo, por conseguinte, não parece haver ideia comum a todas as formas de manifestação de bem (ARISTÓTELES, 2017, p.22).

Ainda assim, Aristóteles (2017, p.235) define que as categorias de substâncias⁴ são “interrogações estruturais que procuram determinar a origem e a proveniência de um ente no seu todo”. A qualidade, a quantidade, o tempo, o espaço, entre outras, são capazes de responder os questionamentos mais profundos, referentes ao “qual é?”; “quanto é?”; “onde?”; “quando?”, etc. Assim, explica Aristóteles (2017, p.235), esta passagem da obra está atrelada à definição das categorias, cuja constituição não refere apenas como características em geral, mas antes disso do ser específico do ser humano, ou seja, “características específicas da relação do humano com a situação em que de cada vez se encontra”.

⁴ Aristóteles percebe o bem de forma ampla, dentro de diversas categorias de substâncias. Estas categorias são traduzidas por Caeiro (2017, p.234) como àquelas de tradição latina: porém, “entre o que o grego diz e o que o latim traduz (a fortiori o que é vertido para o português) está um abismo”.

Para as categorias da substância, delineadas por Aristóteles, menciona-se:

Quadro 01 – Categorias da substância para o bem

Deus	Poder da compreensão
Qualidade	As excelências
Quantidade	Moderação
Moderação	O útil
Tempo	Momento oportuno
Espaço	As estadias saudáveis

Fonte: ARISTÓTELES, 2017, p.22.

A partir das concepções apresentadas em cada categoria da substância para o bem, Aristóteles exprime que ainda assim não é possível falar em um bem comum ou único, mas é melhor falar de múltiplas formas de manifestação do bem em vários âmbitos. Na categoria do bem em relação ao tempo, se for pensado no aspecto da guerra, então este bem se manifestará na estratégia, na doença, se manifestará no acesso ao tratamento; já na categoria da moderação o bem se manifesta na saúde, a partir da alimentação, nos exercícios físicos, através da ginástica etc. (ARISTÓTELES, 2017, p.22).

Aqui, Catunda (2008, p.129) dá continuidade ao debate sobre o bem, trazendo à tona a felicidade como o bem final, ou seja, a Eudaimonia como um bem autossuficiente e perfeito. O autor explica que:

E como tal entendemos a felicidade, considerando-a, além disso, a mais desejável de todas as coisas, sem contá-la como um bem entre outros. Se assim fizéssemos, é evidente que ela se tornaria mais desejável pela adição do menor bem que fosse, pois o que é acrescentado se torna um excesso de bens, e dos bens é sempre o maior o mais desejável. A felicidade é, portanto, algo absoluto e autossuficiente, sendo também a finalidade da ação (CATUNDA, 2008, p.129).

No VII capítulo do Primeiro Livro da obra “Ética em Nicômaco”, Aristóteles retoma o questionamento sobre o que poderá ser esse “bem”, o qual o filósofo e seus discípulos vêm explorando em seus debates. Neste momento, Aristóteles considera mais pertinente direcionar a reflexão para a atividade prática e perícia na trajetória humana (ARISTÓTELES, 2017, p.24).

Catunda (2008, p.124) considera a prática (*praktiké*) como o elemento racional (*tò lógon*) do homem. E a Eudaimonia, na visão Aristotélica de Catunda (2008, p.124), consiste no exercício contínuo desta, a qual é definida como uma prática característica da vida do homem, da alma e de suas ações.

Aristóteles (2017, p.24) destaca, que não se deve confundir ou simplificar o bem proveniente da prática, através da mera perícia. Aristóteles entende que sim, as práticas especializadas – como a medicina, a estratégia militar, as habilidades musicais – levam a obtenção de bens, pois são provenientes de fins ou finalidades. Ainda assim, estes fins não atingem o que ele entende como uma completude absoluta.

Aristóteles (2017, p.25) mergulha mais a fundo quando diz que “se houver apenas um único fim completo, será este o bem que é procurado; porém, se houver uma multiplicidade de fins, será o que, de todos eles, for o mais completo”. Em sua reflexão profunda e, ao mesmo tempo, abstrata, Aristóteles define que o fim mais completo é aquele que é escolhido sem interferência de nenhum outro; e por isso são mais concretos que os fins escolhidos de forma simultânea, buscando vários produtos.

Nas múltiplas possibilidades de escolha para determinados fins, o ser humano escolherá em absoluto a felicidade por causa dela mesma, por ser o que é e pelos seus resultados. O homem também escolherá “a honra e o prazer, o poder da compreensão e toda a excelência”. Segundo Aristóteles, estas escolhas ocorrem com vistas na própria felicidade, porque supõe-se que uma vez obtidas, serão geradores da felicidade real – bem supremo (ARISTÓTELES, 2017, p.25).

Desta forma, Chih (2009, p.9) entende que a possibilidade de uma práxis se deve à uma finalidade intrínseca. Para o autor não é possível produzir uma ação ética, esperando resultar em uma felicidade fabricada, como se este bem supremo se tratasse de um produto, conforme o sentido utilitário da palavra em si. Essa realidade é impossível, segundo Chih (2009, p.9), uma vez que a felicidade é justamente um fim alcançado de forma intrínseca, através do agir virtuoso que torna o próprio agente em uma forma humana de excelência.

Romero (2015, p.15) reforça que a consolidação da Eudaimonia Aristotélica é fruto de um percurso que exige esforço constante, uma *práxis* que deverá ir além dos termos comuns atrelados a felicidade convencional contemporânea. Romero (2015) explica que, embora a Eudaimonia possa certamente se relacionar com as motivações mais profundas do homem, ela se refere fundamentalmente ao exercício de uma vida racional de acordo com a virtude, consolidada no exercício constante e da disciplina.

Na visão de Romero (2015, p.15) a Eudaimonia Aristotélica precisa ser concretizada a partir do exercício do homem racional, o qual é capaz de tornar a sua “vida um projeto, sua existência um sentido e sua natureza uma perfectibilidade constante”. A autora explica que a Eudaimonia faz com que o homem não incorra em uma jornada sem propósito, em uma vivência à mercê do acaso. Concretizar a Eudaimonia é a atividade mais excelente de que o homem racional é capaz, explica Romero (2015, p.15).

Chih (2009, p.10) complementa que a ética Aristotélica “buscará uma noção própria de fim”, também compreendido como *telos*. Essa meta é correspondente ao fim almejado pela ação ética, como supramencionado: àquela que aspira a excelência durante a trajetória de vida. Estes aspectos sobre as formas de excelência rumo a felicidade, bem como as virtudes que permeiam este caminho são abordadas de forma mais aprofundada no capítulo a seguir.

Desta forma, o percurso e a consolidação da Eudaimonia não são tarefas simples, uma vez que envolvem uma construção constante de todas as esferas da vida homem rumo a excelência a virtude. Concretizar a Eudaimonia é um processo que pode tomar a vida toda, exigindo uma prática constante que poderá ser obtida por meio de medidas ativas que conduzam o homem nesta jornada, cuja finalidade é o desejo mais intrínseco e mais natural a todos os indivíduos: a obtenção da felicidade como um bem supremo. No entanto, à medida que leitura da obra de Aristóteles acontece, fica claro que a concretização da Eudaimonia não é um privilégio para todos, mas antes um bem cuja obtenção será permitida apenas àqueles que vivem suas vidas no caminho das excelências.

Assim, o próximo capítulo dedica-se a compreender mais detalhadamente do que se tratam as formas de excelência Aristotélicas. Também se analisam as virtudes necessárias para a consolidação do caráter do homem nobre, cuja obtenção da Eudaimonia seja a força motriz para a condução de sua existência.

3. AS FORMAS DE EXCELÊNCIA RUMO À FELICIDADE E SUAS VIRTUDES

Este capítulo se inicia a partir da perspectiva de Chih (2009, p.10), quando o autor menciona que os fenômenos decorrentes da arte produtiva – *techne* – permitem que se revelem apenas algumas nuances presentes no campo da ética, isto é, a densidade da ética vai muito além da *práxis*. No entanto, Chih (2009, p.20) pondera: “se o médico, na sua arte procura a cura do corpo, sendo a saúde do corpo um bem, por que não seria possível pensarmos no bem ético?”.

Chih (2009) compreende que na própria linguagem da ética e na construção de suas ações, a ideia de bem aparente – *agathon* – é proposta por Aristóteles como o próprio fim, para onde caminha toda a existência humana, cuja concretização somente ocorrerá a partir do agir de modo excelente. Aristóteles considera que o bem cuja busca se projeta a partir do agir excelente é difícil de se definir com exatidão, assim como sua trajetória pode ser de complexa compreensão (ARISTÓTELES, 2017, p.26).

Nesta ótica Chih (2009, p.11) levanta diversos questionamentos: se existe um bem excelente cuja obtenção seja possível para todos os seres humanos; se há exigência de uma finalidade desta natureza; se é possível nortear o caminho, a trajetória e as escolhas com vistas a este fim; e ainda se realmente existe um fim supremo que se sobrepõe a todos os outros?

Para solucionar, ainda que parcialmente, estes questionamentos, Chih (2009, p.12) menciona que o bem excelente de Aristóteles deve corresponder à três requisitos principais:

Quadro 02 – Requisitos para o bem excelente de Aristóteles

I	Desejado puramente por si mesmo (sua essência);
II	Um bem em virtude do qual todas as outras coisas serão desejadas;
III	Aquilo em virtude do qual os seres humanos escolhem todas as outras coisas, ou seja, um fim escolhido por seu caráter elevado, excelente e superior.

Fonte: CHIH, 2009, p.12

Chih (2009, p. 13) considera que existe um bem humano, cuja essência é buscada única e exclusivamente por si só – o que vem, até este momento do presente trabalho, definido como o Bem Supremo. Este bem supremo é um bem excelente, pois

satisfaz verdadeiramente os desejos humanos e suas aspirações, além de elevar sua jornada e sua existência. Este bem é àquilo em virtude do qual todas as ações e desejos se concretizam de modo pleno e excelente. Deste modo, a felicidade, ou a obtenção da Eudaimonia, é vista pelos preceitos Aristotélicos como o fim mais elevado, o mais alto potencial da alma a ser atingido: *akrotaton*.

Catunda (2008, p.131) complementa a perspectiva sobre a busca pelo bem excelente lembrando a Eudaimonia em Aristóteles deve consistir em atividade/exercício dessas faculdades. Isto é, a vida conforme às excelências não deverá ser vivenciada apenas como um conhecimento, mas em complementaridade a isto ela deve ser praticada de forma plena e concreta – *bios praktikós*.

O Livro II da obra central deste trabalho “Ética a Nicômaco” busca conceituar e compreender de forma mais ampla a excelência e a excelência moral. Para adentrar este caminho é necessário compreender a ação excelente, cuja consolidação ocorre pelo agir virtuoso (ARISTÓTELES, 2017, p.39).

Catunda (2008, p.132) define o agir através da ação excelente, como a condição na qual o agente deve estar em posse do conhecimento daquilo que faz. Mas além disso, este indivíduo deve ser capaz de escolher os atos e elegê-los por eles mesmos; e, portanto, sua ação deverá proceder de um caráter firme e imutável.

A capacidade de produzir a excelência ocorre a partir da consolidação de três estados, cuja atuação deve estar em consonância. Catunda (2008, p.132) destaca que estes estados – capazes de gerar resultados na alma – são três paixões (*pathe*): as capacidades, as disposições e a virtude.

Aristóteles identifica também, quatro características indissociáveis às excelências, cuja definição sintetiza-se no Quadro 03:

Quadro 03 – Características indissociáveis da excelência

I	Os humanos são louvados e censurados por suas excelências e não por suas paixões;
II	As excelências dizem respeito à escolha, são modalidades de escolhas, enquanto as paixões são sentidas e os humanos não as escolhem sentir; são apenas afetados por elas;
III	Em relação às paixões os indivíduos são movidos por elas, no que se referem as excelências dizemos que se posicionam em relação a determinadas coisas;

IV	Em relação às faculdades dizem que as possuem por natureza, enquanto as excelências a possuem devido ao hábito e nunca por natureza. Aristóteles afirma, no livro II, que as excelências morais não são dadas pela natureza – <i>phýsis</i> , mas sim pelo hábito na prática das ações.
----	---

Fonte: CATUNDA, 2008, p.132

Pelo olhar de Aristóteles a felicidade dever ser entendida como algo de completude plena e autossuficiente significando, como já mencionado, o fim último de todas as ações humanas. Porém, Aristóteles acredita ser melhor conceituar a felicidade como “o melhor de tudo”, por isso é necessário que fique clara a sua essência. Na obra do filósofo a excelência está no caminho para a obtenção do bem supremo (ARISTÓTELES, 2017, p.26).

O pensador (2017, p.35) ainda complementa que o louvor é próprio da excelência. A partir desta fala, Aristóteles busca comunicar que os elogios concedidos a outrem a partir de seu corpo, seu poder de compreensão, ou seus feitos notáveis, ocorrem a partir da obtenção da excelência em alguns estes aspectos. O caminho da excelência leva o homem em direção a felicidade, a qual encontra-se no âmbito das coisas de valores inestimáveis e completas. O princípio e o fundamento para a obtenção da felicidade aproximam o homem do preciso e do divino.

Catunda (2008, p.133) considera que é no exercício das atividades humanas excelentes que o homem se torna virtuoso. Para Aristóteles, a natureza só pode conceder a capacidade de receber as excelências, cuja obtenção só ocorrerá com seu próprio exercício. “Isso no caso da excelência moral para Aristóteles, pois as excelências morais (*aretai ethikai*) são adquiridas pelo hábito (*éthos*) enquanto as excelências intelectuais (*aretai dianoetikaí*) serão adquiridas pela instrução (*didaskalia*)” (CATUNDA, 2008, p.133).

Para Aristóteles a alma humana tem uma função capacitante para a razão. Isto é esclarecido quando o filósofo afirma que a função do ser humano é uma certa forma de vida na busca por excelência e que, por sua vez, o viver para a excelência é uma atividade da alma. No entanto, o pensador destaca que a predisposição do homem para a racionalidade e para a busca da excelência, não o torna feliz, mas ao contrário. A felicidade é antes disso, alcançada pela ação humana e pelo fazer bem-feito, mas com seriedade, nobreza, virtude. Afinal há uma enorme diferença entre a capacidade que o homem tem de ser feliz e o uso dessas capacidades para alcançá-la verdadeira e integralmente (ARISTÓTELES, 2017, p. 27).

Neste primeiro trecho do capítulo percebe-se que para obter um bem excelente é preciso desejá-lo por si só, como o fim único para determinada ação. O bem excelente é o objetivo final, vive-se por ele e para ele. A felicidade em si, a Eudaimonia, é entendida como este bem supremo. As excelências permeiam a trajetória do ser humano que busca a consolidação da Eudaimonia e para isso, deve concretizá-la em dois âmbitos: na excelência moral – ética – e na excelência intelectual – dianoética. Desta forma, os próximos subitens dedicam-se a detalhar estes dois âmbitos fundamentais para a jornada dos que buscam a Eudaimonia.

3.1 EXCELÊNCIA DO CARÁTER: ÉTICA

Aristóteles encerra o primeiro livro da obra “Ética a Nicômaco” com a constatação que existem duas concepções distintas para a excelência: as excelências teóricas e outras que são excelências éticas (ARISTÓTELES, 2017, p.37). As excelências do caráter, cujo resultado é a excelência ética, serão abordadas neste capítulo do presente trabalho.

Segundo o filósofo a sabedoria, o entendimento e a sensatez devem ser percebidos como características relacionadas às excelências teóricas. Por outro lado, a generosidade e a temperança são disposições éticas. Aristóteles explica que quando alguém menciona o caráter, não se comenta que o indivíduo seja sábio ou entendido em determinado assunto ou teoria, mas antes disso, que este ser humano é gentil ou temperado. Antemão, louva-se o sábio de acordo com a sua disposição e capacidade contemplativa sobre algo; em um contexto geral, chama-se de excelência às disposições que são louváveis (ARISTÓTELES, 2017, p.37).

Aristóteles distingue excelências dianoéticas, isto é, do pensamento que aplico a compreensão, das excelências do caráter humano, propriamente éticas. As primeiras são assim excelências teóricas, porque a sabedoria, a compreensão e a sensatez são operadores teóricos. A generosidade e a sensatez são disposições do caráter (ARISTÓTELES, 2017, p.237).

Desta forma, Aristóteles explica que a excelência é dupla: como disposição teórica e como disposição ética. A disposição teórica ocorre por meio do ensino, através de sua instrução, formação e desenvolvimento, por isso requer tempo e dedicação. As excelências éticas, por conseguinte, não são intrínsecas à origem do

ser humano, isto é: elas não nascem com os indivíduos, não são naturais, precisam ser construídas ao longo do tempo (ARISTÓTELES, 2017, p.39).

Por outro lado, nada que nasce de uma maneira poderá ser reconstruído de outra maneira que mude o que é seu instintivamente. O filósofo exemplifica por meio da figura de linguagem de uma rocha. A rocha desloca-se naturalmente para baixo, não precisa aprender o caminho para baixo, do mesmo modo que não se pode ensinar a pedra a subir uma colina. O fogo segue o mesmo exercício lógico e reflexivo: “ninguém poderá habituá-lo a tender naturalmente para baixo, nada do que é constituído naturalmente de uma maneira poderá ser habituado a ser de outra maneira” (ARISTÓTELES, 2017, p.39).

Segundo Aristóteles (2017, p,39-40) esta reflexão de Aristóteles mais uma vez pode parecer ambígua, mas o que o pensador tenta fazer compreender é que as excelências não se geram nos seres humanos por natureza, nem contra a natureza intrínseca. No entanto, os indivíduos são dotados de habilidades que podem ser conduzidas e aprimoradas através de processos de habituação, através do acolhimento e do aperfeiçoamento constante. Ou seja, apesar de sua natureza, o homem é passível à melhoria.

O filósofo define tudo que se constitui na alma humana e em sua natureza depende primeiramente de se haver recebido sua condição de possibilidade e de ter ocorrido seu acionamento. Aristóteles busca dizer que, como a audição e a visão, os homens são dotados destas habilidades, mas que para além de ouvirem e verem é necessário que utilizem estas habilidades para ir além, ativando-as para fins excelentes. É da mesma forma que as excelências são moldadas, a partir da *práxis* inicial. Aristóteles estabelece assim, que “fazer é aprender” (ARISTÓTELES, 2017, p. 40).

Catunda (2008, p. 134) também levanta a percepção sobre a excelência moral relacionada a ética humana. A excelência moral se relaciona, segundo Aristóteles, com dores e prazeres, isto porque ela se relaciona diretamente às ações e paixões e, para o filósofo, cada ação e cada paixão é acarreta prazer ou dor. Segundo Catunda (2008, p. 134) é por causa do prazer que os seres humanos acabam realizando atos vis, e é por causa da dor que o homem se abstém de vivências que poderiam lhe ser belas.

A excelência moral possui a predisposição a fazer o que for mais condizente à natureza do ser humano, evitando os extremos entre ambos: o excesso, ou ainda a falta. “A mediana será estabelecida segundo a justa regra” (CATUNDA, 2008, p.135).

A excelência moral está relacionada ao equilíbrio, a consolidação desta mediana que traz o melhor de ambos os extremos, isto fica explícito no agir virtuoso, que precisa ocorrer de modo que evite o excesso e a deficiência. Em outras palavras, a excelência moral estabelece-se numa mediania entre dois vícios – compreendidos como o excesso ou a deficiência –, pois ela visa o justo equilíbrio que permita a relação e a conexão harmoniosa entre os desejos, as paixões e as ações (CATUNDA, 2017, p.135).

Aristóteles pondera que as disposições de caráter são de natureza tal, capaz de serem destruídas por defeito ou excesso, como é possível visualizar de forma concreta no vigor físico ou na saúde de um indivíduo. O pensador exemplifica esta condição a partir da realização dos exercícios físicos, cujo excesso prejudica o corpo e a ausência destrói o vigor. Do mesmo modo, Aristóteles exemplifica a questão da ingestão de líquidos ou de alimentos sólidos, cujo resultado positivo dependerá do equilíbrio (ARISTÓTELES, 2017, p.41).

Após observar estes aspectos tangíveis, Aristóteles traz à baila os aspectos abstratos na condição humana, principiando pela temperança e a coragem, bem como o restante das excelências. O pensador considera que, assim como com a saúde e o vigor físico do corpo, as excelências psicológicas, ou excelências da alma, também precisam estar alinhadas e em equilíbrio. Aristóteles explica que, o indivíduo que foge e tem medo de tudo, não persevera em nada, enquanto em geral, aquele que não possui medo de nada se lança em todas as direções, precipitando-se em caminhos equivocados. Da mesma forma, o indivíduo que usufrui de todos os prazeres da vida e do corpo, acaba por terminar na devassidão, enquanto àquele que se afasta e se priva de todos os prazeres termina com uma alma insensível. Assim, é possível conceber, que o melhor resultado é proveniente do equilíbrio e da harmonia (ARISTÓTELES, 2017, p.41).

A temperança e a coragem, portanto, são destruídas pelos excessos e edificadas pela harmonia. Elas se conservam no entremeio dos extremos. O vigor físico então, nasce de uma boa alimentação, que está intimamente relacionada a qualidade e não a quantidade de alimento consumido. O homem que possuir maior vigor físico será capaz de suportar esforços físicos por maiores períodos. Da mesma forma, as excelências se portam: o homem atinge um maior nível de temperança e coragem a partir do exercício e da prática constante (ARISTÓTELES, 2017, p.42).

Aristóteles (2017, p.42-43) destaca que as disposições éticas são conduzidas pelo prazer e pelo sofrimento, os quais são provenientes das ações humanas. Existem

àqueles cuja existência se abstém dos prazeres relativos ao corpo, e nessa condição encontra motivo de regozijo. Da mesma forma há o corajoso, o qual resiste a situações terríveis e, desta forma, também se regozija.

O pensador compreende, portanto, que a excelência ética se constitui primordialmente em vista dos fenômenos da existência que proporcionam prazer e sofrimento. Por causa do prazer, explica o filósofo, os homens realizam atos vergonhosos, e, por causa da ansiedade e do medo, o homem se afasta dos atos gloriosos. Portanto, o homem deve ser ensinado, desde seus primeiros anos de vida, a sentir gosto pelo que é correto e desgosto pelo que não é (ARISTÓTELES, 2017, p.42).

Zingano (2017, p.20) complementa esta reflexão dizendo que Aristóteles propõe uma fórmula formosa quando aborda equilíbrio entre o prazer e o controle do mesmo para obtenção de uma excelência ética na vivência humana. Apesar de formosa, Zingano (2017, p.20) a considera obscura, pois não esclarece de que forma exatamente é necessário se compreender a completude ou perfeição que o prazer humano traz à ação. Porém, o autor pontua que o mais importante neste tratado é entender que o prazer deve acrescentar à atividade da vida humana, para assim completar ou aperfeiçoar algo. Porém, é esta atividade que, constituindo-se como boa e ética, fará com que o prazer seja bom e ético, ou se for moralmente reprovável, fará com que o prazer seja devasso e mundano.

Zingano (2017, p. 21) explica que o prazer assim não é mais critério para a escolha das atividades, mas que sua origem irá definir a tonalidade moral a partir da atividade da qual se origina. Isso é, se o objetivo da ação é moral, o prazer gerado a partir dela não reduzirá à ética geradora que a conduz.

Aristóteles atesta que, por outro lado, os castigos infligem sofrimento ao ser humano. Mesmo àquelas espécies de castigos curativos, os que buscam corrigir e alinhar a atitude dos que são punidos, ainda assim não serão prazerosos em momento algum. Para o filósofo há uma disposição da alma para afastar-se do que dói e que maltrata, enquanto tendem a estarem próximos do que é bom e prazeroso (ARISTÓTELES, 2017, p.42).

Aristóteles define que existem três possibilidades através das quais se definem as escolhas do que os humanos devem perseguir e do que devem preterir. O homem, de forma instintiva e social, tende a escolher o belo, o vantajoso e o agradável, enquanto tende a preterir o feio, o nocivo e o desagradável. O prazer, assim como estas escolhas óbvias, também é algo instintivo no ser humano, uma vez que nasce

com ele e, por causa de suas sensações primitivas, causa bem-estar. O pensador lembra que o prazer e o bem-estar também são escolhidos e preferidos pelos animais, cuja capacidade racional é primitiva e as vezes inexistente. Assim, o prazer é como um vício e é difícil de ser preterido ou evitado (ARISTÓTELES, 2017, p.43).

Em suma, Aristóteles pauta a excelência ética em três pontos principais, cujas descrições são elencadas no quadro a seguir:

Quadro 04 – Escolhas éticas para a excelência moral

1º	A excelência ética se constitui relativamente aos sofrimentos e aos prazeres;
2º	A excelência ética incrementada e destruída pelas mesmas ações que a originam, caso sejam levadas a cabo de um modo contrário ao excelente;
3º	O horizonte em que a excelência ética atua é o mesmo sobre o qual atuam as afecções.

Fonte: ARISTÓTELES, 2017, p.43

Após este debate sobre a excelência ética e as nuances filosóficas que a compõem, o próximo subitem do presente trabalho aborda a excelência do pensamento ou excelência intelectual, conceituada como Dianoética dentro do pensamento Aristotélica.

3.2 EXCELÊNCIA DO PENSAMENTO: DIANOÉTICA

As excelências intelectuais definidas por Aristóteles serão doravante chamadas de Dianoéticas. De acordo com Catunda (2008, p. 135), as dianoéticas são apresentadas por Aristóteles em sua obra a partir da subdivisão da parte racional da alma da mesma forma que a fez em relação às excelências da alma como um todo, encontrando nessa faculdade racional duas partes. As duas partes mencionadas são, respectivamente: uma faculdade científico-teorética e uma faculdade prático-deliberativa. Catunda (2008, p. 135) explica que a excelência Aristotélica é correspondente à faculdade teorética é a *sophía* (sabedoria) e à deliberativa refere à *phronêsis* (prudência).

Aristóteles inicia o livro III da obra “Ética a Nicômaco” explicando que, pela ótica da dianoética, a excelência pode ser proveniente de duas ações distintas: voluntárias e involuntárias. As ações involuntárias são àquelas provenientes de condições de coação ou de ignorância. Um ato perpetrado por coação trata-se de uma ação motivada por um fator extrínseco. Já um ato perpetrado por ignorância passiva não contribui em nada para a existência excelente do homem (ARISTÓTELES, 2017, p.53).

O filósofo exemplifica a ação por condição de coação, apresentando a reflexão sobre um homem, cuja família está sob ameaça de um tirano. Este tirano lhe obriga a executar um ato vergonhoso, cuja recompensa será a segurança dos seus. Outro caso é quando marinheiros se vêm em meio a uma tempestade muito intensa, e precisam jogar a carga ao mar para salvarem o navio e suas próprias vidas. Ambas são ações mistas, pois os indivíduos que as executam, as fazem por escolhas, mas estas escolhas são realizadas por forças externas que lhes ameaçam o bem-estar de alguma forma. Para Aristóteles a ação será puramente voluntária quando o desejo partir do próprio indivíduo, uma vez que ele mesmo se constitui como o agente motivador para determinado fato (ARISTÓTELES, 2017, p.53).

Definidas as diferenças entre as ações voluntárias e involuntárias, Aristóteles parte para a conceituação e compreensão do que é a “decisão”. De acordo com o filósofo “a decisão é, na verdade, o que de mais próprio concerne a excelência e é melhor do que as próprias ações no que respeita à avaliação dos caracteres humanos” (ARISTÓTELES, 2017, p.57).

A decisão, portanto, é uma ação voluntária que parte do pensamento e conduz o ser humano a obtenção da dianoética. Aristóteles afirma que àqueles que compreender a tomada de decisão como um desejo, uma afecção, um anseio ou uma certa opinião, não a definem corretamente. O indivíduo que não tem autodomínio e age cedendo ao desejo, não toma uma decisão voluntária; de outra forma, o indivíduo que não toma uma decisão tendo como impulso o desejo consegue dominar sua afecção e decidir de forma voluntária (ARISTÓTELES, 2017, p.57).

O desejo sempre visa o que é bom e agradável, em detrimento do que não é. A decisão não permeia estes aspectos, ela é racional. Já a ira é ainda mais distante do desejo no que tange a tomada de decisão, pois ocorre como um impulso maior e se afasta da racionalidade (ARISTÓTELES, 2017, p.57).

Aristóteles coloca em evidência por diversas vezes a sua concepção de que o homem escolhe o que, por natureza, lhe for mais aprazível. A vida que faz uso do

intelecto é considerada pelo pensador como mais divina, mais suprema e mais agradável ao homem, portanto, a vida construída por meio da razão é um dos caminhos que levam o homem a obtenção da Eudaimonia (CHIH, 2009, p.79).

Chih (2009, p.79) lembra que Aristóteles considera o ser humano como o próprio *nous*⁵, que este se constitui por natureza, é o seu próprio ser. O comentador destaca que na perspectiva Aristotélica a vida do homem, através do *nous*, é uma atividade da razão, e o homem por sua vez exerce essa atividade pensante.

Aristóteles explica que o uso pleno do *nous* exerce um tipo de vida de ação, por meio de uma razão, obediente a outra razão. Uma razão contém e conduz outra ação, é a razão por si mesma. A razão por si mesma, explica Chih (2008, p.79), é a razão *tout court* – que deve ser traduzida como a razão que pensa. A *tout court*, para Chih (2008, p.79) é a “razão que inclui tanto o seu aspecto prático, como teórico”.

Ainda sobre a razão e a racionalidade, Aristóteles adiciona que o homem é capaz de ansiar pelos fins e decidir pelos meios. O que ele tenta transmitir a partir desta colocação é de que, por exemplo, o homem busca incessantemente reestabelecer a sua saúde, mas é tem controle apenas pelos meios capazes de promover o corpo saudável. O homem anseia por ser feliz, mas não é possível decidir ser feliz e concretizar a felicidade de forma instantânea. Em síntese, os seres humanos são capazes de decidir sobre coisas que lhes digam respeito, e dependem deles próprios e suas tomadas de decisão. Mas em diversos casos não é possível ansiar, decidir e concretizar o que se deseja, são coisas distintas (ARISTÓTELES, 2017, p.57).

A racionalidade – capaz de conduzir a tomada de decisão do homem – quando está vinculada às coisas mais divinas e nobres, também se constituirá de forma mais divina e nobre. A razão divina é considerada por Aristóteles como pertencente a natureza humana e como parte da alma humana. Chih (2009, p.79) considera que esta razão seja constituída por quatro elementos fundamentais: uma parte racional, uma teorética, uma parte deliberativa e outra calculativa.

Sob a ótica Aristotélica as atividades da vida humana conduzidas pelo prisma da razão divina, ou *nous*, tem como objetivo a obtenção da verdade plena, composta pela verdade teorética e pela verdade prática. Assim, “quem cultiva o *nous*, nesse caso, seria o mais feliz dos homens e o mais caro aos deuses” (CHIH, 2009, p.80).

⁵ De acordo com Chih (2008, p.79) o *nous* é um intelecto, o qual possui aspectos teoréticos e aspectos práticos, associados a ação. O mesmo intelecto deve ser entendido tanto como o pensamento teórico, quanto o pensamento prático.

Catunda (2008, p.136) complementa dentro do conceito da *phronêsis* Aristotélica, que a faculdade deliberativa é entendida como uma faculdade independente, que possui relação com as coisas variáveis e contingentes; neste caso, a atividade da existência humana.

A *phronêsis* Aristotélica pode ser compreendida através de um silogismo, cuja reflexão pode ser entendida em quatro passos principais em direção a felicidade como um bem supremo: a) a excelência no contexto da atividade do homem é a *phronêsis*; b) que é o oposto do conhecimento científico que, inversamente, trata de coisas invariáveis e necessárias; c) a *phronêsis*, por tratar das coisas variáveis e contingentes, tem como tarefa fundamental deliberar sobre coisas particulares; d) portanto, a *phronêsis* visa à ação humana na determinação daquilo que é meio para a realização da Eudaimonia.

Aristóteles considera assim, a *phronêsis* como “uma qualidade racional que leva à verdade no tocante às ações relacionadas com as coisas boas ou más para os seres humanos” (CATUNDA, 2008, p.136).

Catunda (2008, p.136) conclui, portanto, que a *phronêsis* diz respeito à atividade da vida dos homens, do agir humano, deliberando sobre os meios necessários para que o homem possa atingir um fim desejado, que para o pensador trata-se do fim mais importante, do bem supremo: a Eudaimonia.

Para Zingano (2017, p.23), em síntese, a função do homem para a vida é viver uma certa experiência, cujo consistência deverá ser uma atividade da alma a partir das ações realizadas por meio da razão, por sua vez conduzida pelo intelecto, que anteriormente foi chamado por Chih (2008, p.79) de *nous*. Esta experiência de vida somente se concretizará pelas ações do homem virtuoso, cujas ações são belas e boas, e sua consumação ocorre de modo a contemplar o bem para si próprio e para o todo (ZINGANO, 2017, p.23).

No que tange ao conhecimento, Catunda (2008, p.139) conclui que a relação entre *phronêsis* e a *sophía*, é a excelência da faculdade científico-teorética. Esta relação é tida por Aristóteles como a forma mais perfeita forma de conhecimento, pois é repleta tanto do conhecimento científico, quando do entendimento das coisas mais excelentes da natureza e do mundo. Catunda (2008, p. 139) explica que nos torna tanto mais importante diante da afirmação de Aristóteles de que a Eudaimonia consiste na obtenção da mais perfeita excelência da alma.

Zingano (2017), p.25) também sintetiza que a felicidade Aristotélica se trata de um conjunto dos fins últimos, possivelmente sob a forma mais harmônica possível da

vida do homem. O prazer é eliminado do rol dos itens que conduzem a existência humana para seus fins moralmente relevantes, e o que resta está englobado pela vida contemplativa e pela vida política.

O próximo capítulo deste trabalho aborda a concretização da Eudaimonia no contexto coletivo, na esfera da Pólis, a felicidade que sai do indivíduo e se amplia ao social, ao coletivo. Em subsequência busca-se apresentar a tese da complementaridade entre a Ética e a Política.

4. O IDEAL DE EUDAIMONIA CONCRETIZADO NA ESFERA DA PÓLIS

Para Aristóteles, existem três formas de vida que conduzem o homem em sua busca – mas não necessariamente à concretização – pela Eudaimonia. A vida dos prazeres, cuja validade já foi desmerecida pelo filósofo ainda no capítulo V, do Livro I, da obra “Ética a Nicômaco”, o qual associa estes aspectos a vida animalésca e mundana, conduzida pelos instintos e afastada da razão. Em seguida estão a vida política – onde emergem os fundamentos da justiça e dos laços sociais – e a vida contemplativa, ambas dotadas de excelência e virtude (AGUIAR, 2017, p.30).

Interessa à esta etapa do presente trabalho entender a vida política e social do homem, dentro do contexto da Pólis⁶. Para iniciar a reflexão sobre a concretização da Eudaimonia nesta esfera é necessário partir do princípio, cuja constituição embasa-se primeiramente no conjunto da excelência, através da justiça e do homem justo.

Para dar base a este assunto, Aristóteles utiliza a máxima de Eurípides, dizendo: “na justiça estão compreendidas todas as virtudes”. O filósofo adiciona à concepção a premissa mais detalhada de que “a justiça não é parte da virtude, mas a virtude completa; nem é o seu oposto, a injustiça, parte do vício, mas é o vício inteiro (AGUIAR, 2017, p.29). Assim o subitem 4.1 dedica-se a esmiuçar a trajetória do homem justo, em busca da Eudaimonia, compreendendo a importância desta excelência virtuosa.

A força e o poder das relações sociais propagadas pela amizade embasam o desenvolvimento do subitem 4.2. Nele estão as percepções de Aristóteles, cuja ótica se relaciona à importância das relações de amizade para a obtenção da Eudaimonia no contexto coletivo promovido na Pólis.

4.1 O HOMEM JUSTO E A EUDAIMONIA

Para esmiuçar a perspectiva que recai sobre o homem justo que caminha rumo a Eudaimonia, Aristóteles afirma que “o que todos visam com a justiça é aquela disposição do caráter a partir da qual os homens agem justamente, ou seja, é o fundamento das ações justas e o que os faz ansiar pelo que é justo” (ARISTÓTELES,

⁶ A Pólis, traduzido do Grego, pode ser interpretada como cidade-estado. “Na Grécia Antiga, a pólis era um pequeno território localizado geograficamente no ponto mais alto da região, e cujas características eram equivalentes a uma cidade (SIGNIFICADOS, 2019, p.1 – grifos pessoais).

2017, p.95). Ao oposto, explica Aristóteles, a injustiça é uma disposição do caráter que faz com que o homem aja de forma equivocada, com atitudes inadequadas, que causem impacto negativo para outros e, até mesmo, para si. O caráter do homem injusto anseia pelas injustiças (ARISTÓTELES, 2017, p.95).

Na visão de Aristóteles, o injusto transgrede a lei, é iníquo, quer ter mais do que tem direito, lesando os demais. O homem justo, em oposição, observa a lei e prima pela igualdade, visa o equilíbrio e o bem-estar de todos de forma igualitária. Uma vez que o injusto é um transgressor da lei, o justo é aquele que a respeita em todos os seus âmbitos, e a legalidade por sua vez tende a respeitar e fazer com que a justiça prevaleça (ARISTÓTELES, 2017, p.96).

Na esfera da Pólis, a justiça é compreendida como um *ethos*, isto é, um costume sem entremeios e percalços, trata-se pois de um hábito de retidão da vida do homem, cuja prática consolida a excelência, e que a disciplina solidifica este saber prático, que pode e deve ser aprendido (AGUIAR, 2017, p.29). Para Aristóteles, a “justiça concentra em si toda a excelência”, ela é considerada o modo mais supremo e a mais completa de todas as excelências passíveis da obtenção pelo homem (ARISTÓTELES, 2017, p.97).

Para Chih (2009, p.102), a virtude mais completa é a justiça, já a sabedoria é parte da virtude total, portanto a sabedoria é parte da justiça. A virtude mais completa assim o é, pois, representa um tipo de justiça baseada na lei, no interesse comum e no bem da comunidade política.

A justiça, como uma virtude plena e completa, engloba outras virtudes em si, e desta forma permite a socialização do homem em um contexto de legalidade, conduzindo as outras virtudes de forma coletiva e ordenada. Dentro deste contexto o homem pode pensar e conduzir a sua vida de três modos, no que tange aos seus bens: o homem pode ser liberal, isto é, tem o seu pensamento conduzido pelo princípio da liberalidade e assim ele dá e distribui seus bens de modo excelente; se o pensamento do homem é conduzido por esta mediana, ele age conforme a prudência, sempre controlando seus bens através da razão prática; mas se o pensamento do homem estiver embasado na justiça – a virtude mais completa e mais nobre – o homem será o gestor dos bens de forma igualitária, proporcionando tanto para si, quanto para o outro de forma equilibrada. Assim, o homem justo exerce suas ações de modo a englobar todos os outros aspectos em si, constituindo-se ao mesmo tempo como prudente, liberal e equilibrado na justiça (CHIH, 2009, p.103).

Nesse contexto, cabe grifar a fala de Aristóteles, quando o filósofo explica:

[...] a justiça é a única das excelências que parece também ser um bem que pertence a outrem, porque, efetivamente, envolve uma relação com outrem, isto é, produz pela sua ação o que é de interesse para outrem, seja esse alguém um superior ou um igual. O pior de todos é, então, o que é mau para si próprio, e também para outrem. O melhor de todos, por outro lado, é o que aciona a excelência tanto para si próprio como para outrem (ARISTÓTELES, 2009, p.97).

Aristóteles evolui sua análise em direção aos tipos de justiça, e assim, passa a delimitar a justiça particular corretiva e a justiça particular da reciprocidade. A primeira se caracteriza por “pressupor entes iguais e não fazer apreciação subjetiva”; a segunda “diz respeito as trocas (câmbios) que são feitas e é baseada na proporção e não na retribuição” (AGUIAR, 2017, p.30).

À medida que o homem compreende de forma mais efetiva quais e como se dão seus atos mais racionais, isto é, atos impregnados de *logos*, ele se convence de fato que deve praticar determinados atos em prol de seus próximos. Por isso Aristóteles considera que quem vive a sombra da justiça, exerce uma vida mais completa e mais virtuosa. Porém, isso não significa que a justiça é uma virtude que se sobrepõe as outras, mas ao contrário, ela se iguala e se complementa a prudência e a sabedoria. O filósofo explica que o homem que age de modo justo – em conformidade com a justiça – necessariamente respeita e exerce a prudência, pois é ela que articula de forma harmônica os meios escolhidos e os fins objetivados. A sabedoria fundamenta as escolhas na esfera da racionalidade (CHIH, 2017, p.105).

A lei construída e exercida na esfera da Pólis, obriga os indivíduos a viver de acordo com cada excelência particular e proíbe que se haja de forma a exercer modos de vida perversos e prejudiciais ao bem coletivo. Aristóteles quer dizer que os dispositivos legais devem ser entendidos como produtores da excelência universal, devendo ser colocados em prática à medida que haja uma educação que possibilite estas legislações e, por conseguinte, a vida em sociedade de forma justa e ordenada (ARISTÓTELES, 2017, p.99).

Além dos aspectos que permeiam a excelência perfeita, idealizada pela justiça e complementada pela sabedoria e pela prudência, Aristóteles adiciona também três formas do caráter humano, as quais precisam ser evitadas na esfera da Pólis, em prol da obtenção da Eudaimonia: a perversão, a falta de autodomínio e a bestialidade. Ao contrário da perversão está a excelência de caráter, ao contrário da falta há o autodomínio, ao contrário da bestialidade está a excelência que aproxima os homens do que há de divino (ARISTÓTELES, 2017, p.137).

Um homem que por sua excelência ética se aproxima da transcendência da alma, vai além do humano: parte assim para existência aproximada do divino e superior. Isso se apresenta através dos atos heroicos, explica Aristóteles, tal como Homero faz quando define o caráter de Heitor: “extraordinariamente bom que não parecia ser uma criança nascida de um mortal, mas ser uma providência divina” (ARISTÓTELES, 2017, p.137).

Chih (2009, p. 79) lembra que o homem passa a se aproximar do divino e se afastar da bestialidade à medida que seus atos são conduzidos por uma razão que pensa de forma nobre e, desta forma, coloca em prática estas ações. Para o autor, Aristóteles tenta transmitir que se trata de uma condição pertencente à natureza humana, como já mencionado neste trabalho, porém é uma parte da natureza cuja capacidade racional e teórica domina de forma suprema, e onde a razão conduz os atos, pois é conduzida pelos seus aspectos deliberativos e calculativos (CHIH, 2009, p.79).

Apesar de utilizar a expressão “bestialidade”, Aristóteles explica que esta não é uma condição do animal, pois sua disposição é diferente do gênero da perversão, antes disso trata-se de uma natureza instintiva. Já o homem apresenta a sua bestialidade quando se comporta de forma bárbara, depravada, pela lassidão e pela luxúria (ARISTÓTELES, 2017, p.137).

Aristóteles lembra que os desejos lascivos nascem em todos os seres humanos, o que diferencia o justo e o temperado é a capacidade de domínio sobre estes desejos. O filósofo argumenta que se os desejos vergonhosos nem mesmo nascessem, os homens providos da divina essência não poderiam evoluir da forma desejada, pois, a evolução acontece à medida que existe o autocontrole. “Porque se nele apenas nascerem desejos bons, a disposição que impede de segui-los é insignificante, de tal sorte que nem todo o autodomínio é uma coisa séria” (ARISTÓTELES, 2017, p.139).

Após abordar todos estes aspectos que permeiam a árdua jornada de evolução do homem em direção da tão desejada Eudaimonia, resta agora abordar a questão da amizade da esfera do que o filósofo entende por Pólis perfeita. Desta forma, Aristóteles explica que há uma certa excelência, ou algo de estreitamente ligado à excelência, na amizade, visto que é a convivência social mais necessária para a vida. Isto porque ninguém há de querer viver sozinho, mesmo tendo todos os outros bens materiais e imateriais (ARISTÓTELES, 2017, p.163).

4.2 A AMIZADE E A EUDAIMONIA

Para Aristóteles, até mesmo os dotados de riquezas e os que usufruem de poder, possuem uma necessidade extrema de amigos. Pois que vantagem haveria na prosperidade se não houvesse amigos para compartilhar de tais benefícios? “Fazer bem aos amigos é o melhor e mais louvável que há” (ARISTÓTELES, 2017, p.163). Da mesma forma, explica Aristóteles, na miséria, nas desgraças e na falta de saúde, os amigos são o que se compreende como o último refúgio do homem.

Chih (2009, p.69) destaca que, na visão Aristotélica, a coisa mais digna de escolha para a vida é conviver. Na amizade e na comunidade os homens se relacionam entre si e criam laços com os outros e consigo próprios. Aristóteles (2017, p.163) complementa que a socialização é fundamental, uma vez que os homens mais velhos são como um norte para os mais jovens, e os ajudam de modo que não cometam disparates; por sua vez, os mais jovens servem como apoio para os mais velhos, para ajudá-los e para suprir a perda de autonomia que os acomete gradativamente com o passar dos anos. Assim, a amizade também é entendida como facilitadora da vida em comunidade através dos laços intergeracionais.

Na verdade, com amigos, somos capazes de pensar e de agir melhor. A amizade encontra-se, como fenômeno natural, tanto na relação de progenitor e gerado, como na relação de gerado ao seu progenitor, e assim é não apenas entre Humanos, mas também entre as aves e a maior parte dos animais. A amizade manifesta-se assim entre os seres de um mesmo gênero, sobretudo entre os seres humanos. Daí louvamos a amizade do homem pelo homem (ARISTÓTELES, 2017, p. 163).

Chih (2009, p.32) lembra que o homem nobre, justo e virtuoso é dotado pelo que se compreende como *praktikous ton kalon*⁷, isto é, são conduzidos pelo que há de mais nobre, belo e bom. E uma vez que homem haja com vistas à obtenção do *kalon* e o faz de modo a propagar o nobre, belo e bom, ele não o fará de modo solitário, mas sim de forma coletiva. Se o homem agir nobremente através do *kalon*, precisará de outro homem que possa conferir e usufruir destes benefícios, um outro homem virtuoso com quem poderá conviver e praticar atos virtuosos. “Portanto, ele necessitará da amizade, da *philia*” (CHIH, 2009, p.117).

⁷ Chih (2009, p.32) define que o *kalon* como excelência é o que prima pelo nobre, belo e bom, e é necessário que se compreenda o valor ético incluso nestas palavras. Segundo o autor, em sua significação filosófica, o *kalon* é equivalente ao *agathon*, que significa aquilo que é intrinsecamente bom. *Kalon*, portanto, é um modo de agir, exercido propriamente pelo homem virtuoso.

No contexto da Pólis perfeita, a amizade é o que mantém unidas as comunidades dentro dos Estados, explica Aristóteles. O pensador considera que os legisladores se ocupam mais com meios de promover as alianças e os laços de cordialidade e amizade entre as sociedades, do que propriamente com a justiça em seu âmago. Isso ocorre, porque com a justiça e as leis, almeja-se promover a concórdia – que se assemelha em muito com a amizade –, enquanto se busca expulsar o máximo possível a discórdia – que se aproxima das múltiplas formas de ódio entre os homens (ARISTÓTELES, 2017, p.163).

Segundo Aristóteles, entre os justos nasce uma forma extrema de amizade. A amizade, segundo o pensador, não é apenas necessária a existência da humanidade e de suas comunidades, mas é também bela e consonante ao *kalon*. Assim, explica Aristóteles, parece que a amizade e a justiça acontecem a respeito das mesmas situações, num mesmo tipo de relações pessoas e em todas as formas de comunidade existentes. Na perspectiva do pensador aos amigos parece haver uma navegação em conjunto, como àqueles que combatem no mesmo exército, os que lutam pelas mesmas batalhas e que buscam e prezam pelas mesmas coisas (ARISTÓTELES, 2017, p.175).

Na visão de Aristóteles a comunidade Estado parece ter sido fundada, desde os seus primórdios mais remotos, em vista de vantagens comuns desenvolvidas e ampliadas por meio da amizade entre os homens que as compunham. Desta forma, os legisladores buscam favorecer o bem comum, pois é a parte que lhes cabe, e os homens, por laços de amizade, exercem o bem social e comum através das comunidades Estados (ARISTÓTELES, 2017, p.175).

Na vida da Pólis, o bem maior é bem comum, e a amizade é um aspecto fundamental para fomentar esta busca coletiva. Os navegadores, por exemplo, que na visão de Aristóteles, desbravam os oceanos em busca de riqueza, possuem os mesmos anseios que seus irmão de armas – os exércitos – uma vez que trabalham em prol de uma conquista, de benefícios e méritos para um grupo em comum, uma mesma tribo ou uma mesma cidadania. Outros grupos também se associam através de outros aspectos da vida em comum, como grupos religiosos ou confrarias gastronômicas. Porém, explica Aristóteles, parecem todos os vínculos subordinarem-se ao sentido de comunidade Estado, ou da Pólis (ARISTÓTELES, 2017, p.176).

Para Aristóteles, “o amigo é outro eu, possibilidade de autoconhecimento” (VALLANDRO, BORNHEIM, 1984, p. 200). Conhecemo-nos olhando para o outro. Devido a nossa finitude, visamos atingir à perfeição moral no espelhamento do outro.

É um momento essencial da vida feliz e implica reconhecimento, bondade e reciprocidade, atingindo a expansão social do eu. Assim, a amizade é também um bem maior, um valor que nos conduz à felicidade, uma experiência de realização humana e uma vida de mediação e meditação com bons amigos (VALLANDRO, BORNHEIM, 1984, p.200).

A vida nobre e virtuosa, símbolo da vida feliz e do bem-viver, é fundamental para os cidadãos que vivem na polis. É necessária uma articulação entre as virtudes e a Pólis pela seguinte razão: o espaço da polis é o horizonte de ação das virtudes éticas, e, por assim dizer, uma condição de possibilidade de sua existência (AGUIAR, 2017, p.19).

O ser humano vive numa comunidade de iguais, entre seres livres e capazes de deliberar e de julgar seus próprios assuntos, tomando suas próprias decisões. A necessidade do outro é crucial para entender a articulação entre a virtude e a polis. Os seres humanos, para serem felizes e virtuosos, necessitam de uma atividade, de um exercício, que possibilite o desenvolvimento de suas capacidades racionais excelentes – *égon*. Tal exercício não se realiza isoladamente e separado do contexto comunitário. A companhia, o conviver, o compartilhar, a associação, todas elas são entendidas como condições que permitem a prática das virtudes, modos de sociabilidade que auxiliam e favorecem efetivamente o exercício da felicidade (VALLANDRO, BORNHEIN, 1984, p.27).

O homem, na visão de Aristóteles, é um animal político por sua natureza, isto é, o ser humano possui a necessidade de construir vínculo e estabelecer relações efetivas dentro de um contexto social (CHIH, 2017, p.41). A sociedade se estabelece sobre o prisma de três formas de Estado pela visão do filósofo: a monarquia, a aristocracia e a timocracia – também chamada de constituição de república (ARISTÓTELES, 2017, p.176).

Aristóteles considera que em cada forma de governo da Pólis há uma forma de amizade ou uma constituição de vínculos sociais estreitos. Isso é evidenciado pelo filósofo na relação do monarca – não o monarca vil, mas o monarca justo e dotado de virtudes – com seus súditos, onde há uma forma de superioridade, mas também há benefício para os favorecidos pela relação estabelecida. Assim, como o pastor faz bem às suas ovelhas, o monarca auxilia seus súditos. E neste gênero, destaca Aristóteles, a forma de amizade é paternal (ARISTÓTELES, 2017, p.178).

Já o relacionamento no modelo de governo da aristocracia, é assemelhado ao relacionamento entre marido e mulher, explica Aristóteles. Neste tipo de vínculo a

proporção é a excelência, e se não houver proporção então não há justiça. “Ao conferir um ganho maior ao parceiro que é melhor, confere o ganho que é lhe é adequado, porque é assim que deve acontecer com o respeito pelos direitos de cada um” (ARISTÓTELES, 2017, p.178).

Já no modelo de república, ou timocracia, o modelo de relação desejado – nem sempre realizado de forma verdadeira, salienta Aristóteles – é a amizade entre irmãos, ou a camaradagem. Isto porque neste modelo de gestão da Pólis, espera-se uma igualdade de oportunidades concedidas ao povo, através da equidade entre si. Isso seria concretizado a partir da sucessão de governos e pela alternância de poder (ARISTÓTELES, 2017, p.178).

Encerra-se esta etapa do presente trabalho refletindo sobre a condição do homem, como um ser político e social, repleto dos mais diversos vínculos que se estabelecem em prol de um bem maior, um bem coletivo, que se consolida dentro da comunidade ou da Pólis excelente. A Eudaimonia se consolida dentro do âmbito da Pólis, compreendida como o bem supremo, um bem excelente – que embora seja autossuficiente, desabrocha nas relações sociais entre os homens.

De acordo com Silva (2008, p.59), a Pólis tem como função última e principal, a propagação do bem comum. O bem é identificado pelo autor como a felicidade, uma vez que é o condutor para este fim – o fim primordial das relações sociais estabelecidas no seio da Pólis. A cidade-Estado, portanto, é compreendida como um agrupamento político-social, cujo ápice máximo ocorre quando a felicidade consegue ser propagada de forma plena ao seu povo.

Na visão de Chih (2019, p.41), no espaço concreto da Pólis, a Eudaimonia não é uma felicidade abstraída, mas sim uma felicidade idealizada e construída, através de laços densos nas comunidades. Assim, “o indivíduo se torna feliz à medida que constrói e vínculos sociais e políticos” (CHIH, 2019, p.41).

Assim, é possível refletir sobre a existência da complementaridade indissociável entre o homem ético e a política desenvolvida dentro da Pólis. A consolidação do homem ético vai ao encontro, e sempre irá, em direção ao bem coletivo, uma vez que o bem deve se estender a todos e a Eudaimonia mais perfeita é àquela que ocorre na esfera da Pólis excelente. Do ponto de vista de Aristóteles a ética está diretamente relacionada à política, pois o bem que se almeja e que pode ser a finalidade do exercer uma vida ética, encontra-se no que se chama de Eudaimonia.

O próximo subitem deste trabalho dedica-se ao último modo de vida, e o mais sublime na percepção de Aristóteles: a contemplação. Nele, busca-se abordar a conclusão apresentada pelo filósofo na obra “Ética a Nicômaco”, finalizando a reflexão através da máxima da Eudaimonia através da vida contemplativa.

4.3 A VIDA CONTEMPLATIVA: REFLEXÕES SOBRE A FELICIDADE

O objetivo deste subitem final visa apresentar reflexões sobre a felicidade, capazes de sintetizar e entrelaçar a trajetória e a consolidação da Eudaimonia Aristotélica, por meio da vida contemplativa. Neste sentido, Romero (2015, p.23) afirma que a vida contemplativa é capaz de extrair o que há de melhor no homem, uma vez que favorece o cultivo dos bons hábitos, das virtudes e das excelências. Para àqueles que, segundo Romero (2015, p.23) são dotados de uma disposição da alma, a vida contemplativa é o melhor caminho para se obter a Eudaimonia.

No fechamento de sua obra “Ética a Nicômaco” Aristóteles, justamente, reafirma a ideia de que a Eudaimonia é uma atividade excelente da alma e, portanto, um resultado de um apanhado das múltiplas virtudes do caráter. A atividade excelente da alma somente será possível estando de acordo com a mais poderosa excelência humana, a excelência que traz à tona o que há de melhor na humanidade e que a aproxima das divindades. Esta excelência, explica Aristóteles, conduz o indivíduo para o que há de mais nobre, belo e bom: *kalon*. Esta felicidade diz respeito a completude máxima do ser humano, e a vida que a conduz neste caminho é a vida contemplativa, embora não solitária e antes disso em comunidade – pois o bem maior é o bem que atinge a todos e não bem que separa e exclui (ARISTÓTELES, 2017, p.218).

Aristóteles ainda adiciona que a contemplação é a atividade mais poderosa, pois dela resulta o poder de compreensão das coisas, e antes que a decisão seja tomada, a análise reflexiva sobre o problema já ocorreu e embasou o que foi resolvido. Assim, o olhar contemplativo é entendido como muito mais importante do que qualquer ação em si. A felicidade em si, explica o pensador, será completa quando for uma atividade constituída pelo poder da contemplação, e finalmente, pela execução de algo que seja puramente nobre, belo e bom (ARISTÓTELES, 2017, p.221).

Desta forma, compreende-se que a felicidade é autossuficiente em um primeiro plano, pois ocorre internamente a partir da vida reflexiva e contemplativa. À medida que a felicidade ocorre para si, ela passa a ser possível para os demais, para a

comunidade e para a propagação do homem como um animal político. “A felicidade completa é uma atividade – constituída – pela ação da contemplação”, e, portanto, resulta na aproximação do homem com o divino (ARISTÓTELES, 2017, p.220).

Silva (2008, p.63) complementa dizendo que neste trecho da obra central deste trabalho, a vida contemplativa é entendida e conceituada como uma atividade dos Deuses. Para o pesquisador, os Deuses de Aristóteles são vistos como bem-aventurados e, portanto, sumamente felizes. Estes Deuses, afirma Silva (2008, p.63), não possuem a obrigação e nem o ímpeto de exercer a excelência moral, pois este aspecto pertence a personificação do ser humano apenas. As atividades dos homens, portanto, são diferentes das atividades dos Deuses, pois como as divindades não precisam viver através dos preceitos morais – uma vez que já são criaturas perfeitas – eles exercem a sua existência por meio do que Aristóteles entende, como uma existência contemplativa.

Aristóteles ainda adiciona que quanto mais profunda for a contemplação, mais intensa será a felicidade do homem. O pensador adiciona que se há de convir também que alguns fatores externos interferem na capacidade contemplativa do indivíduo e por conseguinte, à sua obtenção da felicidade. Isto é, para poder dedicar-se a vida contemplativa o homem precisa gozar de boa saúde, manter um corpo saudável, alimentar-se adequadamente etc. Assim, aqui também se destaca a máxima sobre o equilíbrio e mediania, do que tanto se fala durante a construção da “Ética a Nicômaco” (ARISTÓTELES, 2017, p.222). A vida contemplativa, proposta pelo pensador, seria àquela dedicada a reflexão profunda e densa sobre as grandes questões da vida. Seria o modo de existência dedicado ao exercício do pensamento, através do equilíbrio entre a mente, o corpo e alma. O homem capaz de desfrutar deste modo de vida, segundo o filósofo, realizaria o mais próximo da existência divina.

Silva (2008, p.63) ainda adiciona que a “contemplação é a sabedoria filosófica da ação, é o contato do homem com o inteligível [...], com o motor que move toda a realidade”. O autor ainda destaca, que dentro deste contexto, o bem supremo – identificado como Eudaimonia – está conectado à atividade intelectual, teórica e contemplativa, pois, segundo o autor, ela conduz o homem para a obtenção da felicidade mais perfeita, como já mencionado, àquela que mais aproxima o homem da elevação plena.

Hobbus (2007, p.40) afirma que na obra “Ética a Nicômaco” a atividade contemplativa é apresentada como capaz de promover a Eudaimonia “mais elevada”, “mais contínua”, “mais autossuficiente”, a “mais desejável das atividades em

conformidade com a virtude”. Hobbus (2007, p.40) explica, que mesmo perpassando por outras questões anteriormente, a premissa da vida contemplativa de Aristóteles não é excludente ao que já foi mencionado até o presente momento, isto porque:

- Ser a atividade mais elevada, mais nobre etc. [...] está perfeitamente de acordo e é coerente com o que afirma Aristóteles: a vida contemplativa pode operarem conjunto com os outros bens, sendo todos partes da felicidade;
- O aspecto da continuidade não implica que ela seja a única atividade que o filósofo executa. Não há nada em Aristóteles que saliente ser esta a única atividade. É verdade que é a mais desejável, por ser a mais nobre, mas não a única, porque não seria condizente em função da natureza política do homem;
- As definições de autossuficiência [...] não são contraditórias: a vida feliz é uma vida carente de nada, ela é autossuficiente. O que assegura esta autossuficiência é, por definição, a Pólis. Esta autarkéia apresentada na Política é, primeiramente, econômica, mas, também, política [e moral]. É na Pólis que o homem realiza sua natureza, que é política (o viver com); a polis é condição de possibilidade da vida virtuosa (HOBBUS, 2007, p.40).

Zingano (2017, p.37) também pondera sobre as afirmações encontradas no final da obra estudada até aqui, e percebe que para Aristóteles – ao menos neste fechamento – , a contemplação parece fortemente ser o caminho para obtenção da felicidade perfeita do homem. O argumento Aristotélico é sintetizado e consolidado por Zingano (2017, p.37) através de dez passos principais, cujas premissas estão elencadas no Quadro número 5:

Quadro 05 – Dez passos sobre a consolidação da contemplação como o caminho para a Eudaimonia

I	Se a felicidade é uma atividade fundada na virtude, é condizente com isso que seja uma atividade fundada na virtude que é a mais nobre.
II	A virtude mais nobre é a virtude do que é o melhor.
III	O que é o melhor é o intelecto.
IV	O intelecto tem duas atividades
V	A atividade do intelecto fundada na virtude própria é a virtude mais nobre.
VI	A virtude própria do intelecto é a contemplação.
VII	A contemplação é a virtude mais nobre do intelecto.
VIII	É condizente com a felicidade ser uma atividade fundada na virtude que ela seja causada pela contemplação.

IX	As características que decorrem, concorrem ou são requeridas pelas ações morais encontram-se todas em grau máximo na contemplação.
X	Esta atividade (a contemplação) é, então, a felicidade perfeita do homem.

Fonte: Zingano, 2017, p.38).

Em sua conclusão, Aguiar (2017, p.33) explica que a perspectiva Aristotélica coloca a vida contemplativa acima da vida política, pois a premissa está embasada na perspectiva da felicidade através da introspeção e pela autossuficiência. Esse aspecto de obter a Eudaimonia de forma interna – de si e para si – se assemelha ao que é mais próximo do divino.

Aristóteles encerra dizendo que o sábio é o mais amado pelos Deuses. O sábio é dotado de virtudes, detentor do senso de justiça e por seu poder de compreensão, consegue realizar coisas que são queridas e desejáveis ao que é divino. Para tanto, o homem sábio é capaz de obter a felicidade através da forma contemplativa e assim ele é o que conhece verdadeiramente o sentido e a concretização da Eudaimonia (ARISTÓTELES, 2017, p.223).

Ao encerrar este último capítulo, é possível perceber que Aristóteles traça inúmeros caminhos para a consolidação da Eudaimonia – inclusive abordando a importância dos vínculos sociais estabelecidos pela Pólis – para, finalmente, conceber que a vida contemplativa é o exercício vital mais apropriado para obtenção do que o filósofo chama de bem supremo. Apesar deste estilo de vida ser considerado autossuficiente, Hobbus (2007, p. 40) lembra que é possível viver de forma coletiva, e ainda assim consolidar um hábito reflexivo individual, isto porque se a felicidade for um bem coletivo propagado e consolidado através da Pólis, não haverá o homem de se preocupar com questões mais simples e mais básicas, pois não haverá carência de nada em seu cotidiano. Assim, a Eudaimonia através da vida contemplativa não exclui da felicidade propagada na esfera da Pólis.

5. CONCLUSÃO

Ao finalizar a leitura crítica da obra “Ética a Nicômaco”, escrita por Aristóteles, bem como o presente Trabalho de Conclusão do Curso de Filosofia, é possível afirmar que trilhar os caminhos propostos pelo pensador para obtenção da Eudaimonia – ou a felicidade como um bem supremo – não é uma tarefa simples. Aristóteles defende uma profunda construção da personalidade e do espírito do homem nesta busca, que exige muito mais do que a satisfação instantânea e efêmera gerada por condições mundanas, como o mero prazer.

Aristóteles considera o ideal de Eudaimonia como uma felicidade completa, ou um bem-estar duradouro e pleno, que pode ser alcançado por meio de uma vida virtuosa e conforme a razão e, também, por meio da contemplação profunda e reflexiva. Para o pensador, a Eudaimonia é uma condição em que a pessoa realiza plenamente seu potencial e se sente realizada e satisfeita por causa disso, assim, não se trata de nenhuma efemeridade, mas sim, de um sentimento genuíno e duradouro. Assim, a Eudaimonia Aristotélica está fortemente ligada à prática da virtude, ao desenvolvimento da excelência moral através da ética, e à busca da verdade e da sabedoria.

Durante a leitura da obra “Ética a Nicômaco” foi possível perceber que o jogo da linguagem filosófica em Aristóteles nem sempre parte de uma perspectiva linear. Mas antes disso, o pensamento filosófico clássico deste sábio percorre estruturas cíclicas: e em diversos casos o próprio Aristóteles desconstrói premissas que foram previamente estabelecidas em capítulos anteriores. Assim, a própria concretização da Eudaimonia pode ser vista por diversos ângulos e, o próprio filósofo afirma que prefere levantar hipóteses, do que traçar verdades absolutas em sua obra. O que de certa forma é adequado à obra de Aristóteles, uma vez que o pensador consegue captar em sua reflexão toda a complexidade do ser humano, em suas múltiplas disposições de caráter, virtudes, desejos, trajetórias etc.

E não se trata disso a filosofia? De vislumbrar o ser humano como uma obra inacabada, em permanente mudança e com capacidade de evolução perpétua? Desta mesma forma, como Aristóteles afirma que “toda perícia e todo processo de investigação [...] parece lançar-se para um certo bem” (ARISTÓTELES, 2017, p.18), é possível crer que o presente trabalho também foi conduzido com vistas a obtenção de um bem: a compreensão – ainda que de forma humilde e simplificada – do que se pode conceber como Eudaimonia Aristotélica.

A questão norteadora, a qual conduziu o desenvolvimento desta pesquisa bibliográfica se estabeleceu da seguinte maneira: de que forma o homem poderá constituir sua jornada de vida buscando a concretização da Eudaimonia Aristotélica? A resposta para esta pergunta foi construindo-se à medida que os capítulos do trabalho foram apresentados: para obter uma a Eudaimonia – de forma plena e duradoura – é necessário viver uma vida virtuosa, através das múltiplas excelências, do exercício da disciplina e da contemplação intelectual.

Quanto à hipótese levantada no princípio de sua elaboração, afirma-se ser crível comprová-la e elucidá-la, pois sim, é possível ao homem contemporâneo obter a Eudaimonia seguindo às proposições filosóficas estabelecidas por Aristóteles. Mesmo sendo proveniente de uma vida exigente e disciplinada, acredita-se que a hipótese levantada é uma premissa verdadeira, sendo a obtenção da Eudaimonia uma esperança para qualquer ser humano que deseje viver através das diretrizes éticas estabelecidas por Aristóteles em sua obra. Basta que esse indivíduo desenvolva às múltiplas excelências e que tenha disposição de caráter para exercê-las de forma plena. Além disso, é necessário que possua condições de dedicar sua existência à vida contemplativa, e este aspecto pode ser o mais distante da vida contemporânea, tendo em vista o contexto social em que se vive atualmente. O constante fluxo de informações em tempo real, as exigências do mundo do trabalho e as pressões impostas pelo capitalismo podem ser impeditivos à vida contemplativa dos homens contemporâneos, ainda assim, para alguns indivíduos muito privilegiados, esta vida contemplativa e o âmago do ideal da Eudaimonia seria viável.

Apesar da vida contemplativa ser considerada por Aristóteles no fechamento do livro, como o que há de mais próximo do divino, acabo por refletir sobre esta perspectiva e me apego mais ao oitavo livro da obra, que trata das relações sociais e dos vínculos de bem-estar coletivos.

Acredito assim, que a felicidade mais plena – a verdadeira Eudaimonia – é àquela que se consolida primeiramente na esfera da Pólis, àquela que propaga o bem e a felicidade para os outros, além de si próprio. À medida que o bem e a abonaça se espalham ao povo, a possibilidade de reclinar-se para uma vida contemplativa aumenta. Assim, uma vez entendendo que a felicidade é mais densa quando compartilhada, finalizo com as palavras do próprio Aristóteles (2017, p. 163), o qual afirma que nem mesmo o mais próspero e o mais realizado dos homens há de querer viver sozinho.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, B.N. **Eudaimonia em Platão e Aristóteles**. Niterói, Rio de Janeiro: 2017.

ARISTÓTELES. **Ética em Nicômaco**. Tradução: Antônio Carlos Caeiro, 2 ed. São Paulo: Forense, 2017.

CATUNDA, R.R.B. **considerações iniciais sobre a Eudaimonia e as excelências na ética a Nicômaco**. Rev. Polymatheia, Fortaleza, vol. IV, nº 5, 2008, p. 127-144.

CHIH, C.Y. **A Eudaimonia na Pólis excelente de Aristóteles**. 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-03022010-131909/publico/CHIU_YI_CHIH.pdf> Acesso em 02, abr. 2023.

ESTORIL, M. 2004. Apud: ARISTÓTELES. **Ética em Nicômaco**. Tradução: Antônio Carlos Caeiro, 2 ed. São Paulo: Forense, 2017.

HOBBUS, J. **Duas concepções sobre a felicidade na ética de Aristóteles**. Hypnos, São Paulo, ano 13, n.19, p. 30-44, 2007.

ROMERO, A. **La concepción aristotélica de la Eudaimonia em Ética a Nicômaco. Relación entre vida activa y vida teórica**. Revista de Investigación. nº 85 Vol. 39 Mai, Ago., 2015

SIGNIFICADOS. **Significado de Pólis**. 2019. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/polis/>> Acesso em: 23 abr. 2023

SILVA, S.L. **A ética das virtudes de Aristóteles**. 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2039>> Acesso em 01, mai. 2023.

VALLANDRO, L. BORNHEIM, G. **Metafísica, Ética à Nicômaco e Poética**. Abril S.A. Cultural. São Paulo, 1984.

ZINGANO, M. **Eudaimonia, Razão e Contemplação na Ética Aristotélica**. Rev. ANALYTICA, Rio de Janeiro, vol. 21 nº 1, 2017, p. 9-46.